CRÍTICA
marxista

Nove respostas preliminares para nove perguntas difíceis*

ARTIGOS

MICHAEL R. KRÄTKE**

1. O que é mesmo o capitalismo?

O conceito de capitalismo é tudo, menos simples, e não pode ser facilmente entendido quando colocado numa fórmula curta. Capitalismo não é decididamente economia de mercado, também não pode ser equiparado com economia do dinheiro ou do crédito. Capitalismo não é, em absoluto, uma outra palavra para a busca de ganho, a fome ou a lógica de lucro. Por capitalismo, entende-se mais que o domínio dos "ricos" ou da "grande riqueza". Naturalmente tudo isso pertence também ao capitalismo, mas para se compreender, até certo ponto, o complexo estado de coisas que o conceito de capitalismo envolve é preciso ainda mais. Por capitalismo, entende-se uma determinada forma econômica histórica, que não existe em todos os tempos e em todos os lugares – o capitalismo tem um começo e um fim no tempo, tem uma expansão espacial, muitas localidades, e passa por um desenvolvimento, tem uma história. Sociedade burguesa e capitalismo estão necessariamente juntos, mas são distinguíveis. Sem os elementos de uma sociedade burguesa, não pode haver o desenvolvimento do capitalismo enquanto forma econômica; uma sociedade só se torna inteiramente burguesa quando o modo de sua economia é totalmente capitalista, quando as formas de troca, as maneiras de agir, as normas de pensar do capitalismo penetram e dominam a sua vida.

Para compreender o capitalismo, precisamos de vários conceitos e teorias. Por exemplo, o dificílimo conceito de valor, o conceito da(s) forma(s) valor e das

---

* Artigo para a Conferência Rosa Luxemburg, organizada pela Fundação Rosa Luxemburg em 4 de março de 2006. Tradução de Luciano Cavini Martorano. Revisão técnica de Isabel Loureiro.

** Michael R. Krätke é professor na Universidade de Amsterdã e autor de *Europa des Kapitals oder Europa der Arbeit?* (com Thomas Blanke e Pierre Bourdieu), Hannover, Broschiert, 2000.

relações de valor, sobre os quais a doutrina oficial dominante da economia nada quer saber. Sem uma apropriada teoria do valor, sem uma teoria do processo de criação do valor, não podemos formular nenhum conceito de capital – um conceito que pertença ao de "capitalismo"[1]. Que não existe na atual economia (exceto como pura tautologia), assim como tampouco o conceito de valor (embora nos manuais a Teoria da Utilidade Marginal oficialmente indicada continue andando alegremente sem rumo). Nos manuais de economia neoclássica também não existe nenhum capitalismo, mas apenas a "economia", sem maiores complementos, e as leis, supostamente universais, da ação econômica "racional"[2]. Em geral, a economia atual recusa o conceito de capitalismo – enquanto conceito polêmico e carregado politicamente que deve ser criticado de maneira inapelável em favor do "melhor de todos os mundos". Assim, quem hoje utiliza a palavra "capitalismo" já pode ser reconhecido como alguém que se coloca de forma cética e crítica perante as relações existentes. Frente a isso não é preciso ter receio.

O capitalismo é a primeira forma econômica histórica na qual praticamente todos os elementos da riqueza social são tratados como mercadoria e na qual inclusive as riquezas naturais não (re)produzíveis recebem a forma de mercadoria. No capitalismo, pela primeira vez a circulação mercantil torna-se a forma universal da circulação econômica, pela primeira vez quase todas as relações econômicas transformam-se em relações de troca entre proprietários privados (possuidores de mercadorias e dinheiro) e atores do mercado, pela primeira vez todas as relações econômicas, ou economicamente relevantes, assumem a forma de relações monetárias. Mercadoria e dinheiro, troca e propriedade privada, instauram-se como a forma geral, universal e válida da vida econômica cotidiana, donde se estabelece uma forma histórica definida de igualdade econômica (entre proprietários privados e participantes do mercado) e de liberdade pessoal (liberdade de mercado) – para todos aqueles que tenham algo para comercializar.

Somente no capitalismo toda uma série de curiosas e sempre polêmicas quase-mercadorias ou mercadorias fictícias tornam-se cotidianas e tão comuns que a sua "extrema artificialidade" é quase esquecida. Entre as mercadorias fictícias que caracterizam o capitalismo encontram-se as importantes "mercadoria dinheiro", "mercadoria capital", sem esquecer a "mercadoria força de trabalho" e, *last not least*, a "mercadoria terra" (ou a "mercadoria natureza", dividida em múltiplas terras ou riquezas naturais particulares, que podem ser apropriadas e comercializadas

[1] A principal obra de Marx, como se lembra, leva o título *O Capital*, e não "O capitalismo". O autor deve ter pensado algo sobre isso.

[2] Sobre o tema consultar Michael R. Krätke, "Neoklassik als Weltreligion". In: Loccumer Initiative, *Die Illusion der neuen Freiheit*, Hannover, 1999.

privadamente). Elas são sempre negociadas em mercados especiais, sempre a "preços" próprios (os "juros" correspondem ao "preço do dinheiro", o salário corresponde ao "preço do trabalho", e assim por diante), mercados que são sempre organizados de forma diferente e que formam entre si uma hierarquia estabelecida. Com a construção artificial, colocando no topo os mercados de capitais e moedas; no meio, o mercado de trabalho e o mercado de riquezas naturais e fundiário; e, na base, os mercados para as habituais mercadorias populares. Os mercados financeiros dominam o movimento geral dos mercados e deles se originam as grandes crises.

O capitalismo é a forma histórica, em que, pela primeira vez, os movimentos de capitais dominam o conjunto da vida econômica da sociedade – e, mais do que isso, é a forma econômica histórica que obedece totalmente às típicas lógica e racionalidade do capital. O capital – que não é uma coisa, mas um conjunto de relações sociais de produção e de circulação – aparece para as pessoas que participam e agem nessas relações como uma coisa, um poder cego que as submete e a quem elas devem obedecer. Capitalismo é então um sistema do "domínio do capital", do domínio das formas de movimento, das "leis do movimento", da lógica ou "racionalidade" próprias do capital, de seus proprietários e "senhores", os capitalistas, que são tão submetidos como aqueles que, por azar, não possuem nenhum capital.

O movimento do capital é sobretudo um: sem medida, sem limites, sem-fim. Na fórmula D - M - D', Marx expressou abertamente este movimento, sem-fim e sem medidas, de aumento da circulação monetária, de crescimento da riqueza abstrata em sua vontade própria[3]. Porém, não se trata apenas de fazer mais dinheiro a partir do dinheiro – ou simplesmente "fazer dinheiro". Trata-se de transformar dinheiro em capital, e fazer, sempre, mais e mais capital a partir dele – isto é, trata-se do processo que Marx definiu como "acumulação do capital" (ao mesmo tempo, reprodução ampliada da sociedade burguesa e da produção capitalista). Crescimento ilimitado, acumulação ininterrupta, fusão de riquezas privadas e transformação de ganhos em capital, aumento permanente de capital, contínuas redistribuições, reestruturação de capital, incessante nova formação de capital, concentração incessante de capital em unidades sempre maiores – esta é a lógica seguida pelo movimento do capital. Por isso, o capitalismo é uma forma econômica dinâmica e inaudita, na qual todas as relações econômicas existentes – tanto entre capitalistas e não-capitalistas como entre capitalistas entre si – são permanentemente colocadas à disposição e podem ser transformadas. É o sistema de produção e de troca mais revolucionário que a história conheceu até hoje. O pro-

[3] Na realidade, Marx em *O Capital* apresentou e analisou uma multiplicidade de formas especiais de circulação do movimento do capital. D - M - D' é apenas uma das mais abstratas e superficiais, com a qual se inicia a análise, mas não se interrompe de maneira alguma.

cesso de acumulação do capital, uma vez posto em movimento, se desenvolve como se não houvesse fronteira alguma. Quando e onde o capital se choca com fronteiras, sejam elas naturais, geográficas, históricas ou políticas, ele procura superá-las através de todos os meios.

O capitalismo é um sistema econômico que confere de fato liberdade aos seus protagonistas, mas os submete permanentemente à "muda coerção das relações econômicas" e à ruidosa pressão da onipresente luta concorrencial. O capitalismo é também um sistema de dominação, no qual, de fato, a liberdade pessoal de muitos combina-se com uma dependência impessoal de forças sociais anônimas (como a da "concorrência", a do "mercado", ou a do "mercado de trabalho") para a grande maioria. A liberdade pessoal do trabalhador assalariado não vai muito longe: ela termina ali onde começam a autoridade do patrão e do chefe e a organização do domínio da fábrica e da empresa, e tão logo se faça notar a coerção do mercado de trabalho. Também a liberdade do consumidor não vai muito longe – ela vai até onde chega o poder individual de compra do assalariado. O capitalismo é, para usar um termo fora de moda, também um sistema da dominação de classe, o espaço oferecido para as lutas concorrenciais e a ascensão social individual, nos limites da estrutura existente das desigualdades sociais e econômicas.

Somente no capitalismo moderno, a economia e a política são, sistemática e formalmente, separadas. Esta dupla ficção – a de uma "economia apolítica" e a de uma "política sem economia" – constitui uma das instituições básicas do capitalismo. Ela define a lógica da ação política e do pensamento, tal como a lógica segundo a qual os atores econômicos agem e pensam. Para se romper com essa dupla lógica – tal como sempre ocorre na representação liberal básica do "poder sem propriedade" e da "ausência de poder da propriedade"[4] –, é necessária uma economia política, e sua crítica, permanente e sistemática. Uma crítica que mostra, desde os dias de Marx, como e por que a separação entre política e economia, a sua autonomização em "esferas" particulares da vida social, é uma ficção necessária[5]. Uma ficção que liga todos os participantes e que, apesar das tendências centrífugas do capitalismo, dissolventes de todos os vínculos sociais, mantém a sociedade burguesa.

Finalmente, tendo em vista o presente: o capitalismo se tornou uma religião do dia-a-dia. Ela tem o seu pontífice, seus crentes, suas ordens monásticas, seus rituais – e também alguns hereges[6]. O capitalismo foi e é até hoje também um

---

[4] Conhecida e universalmente querida é a dicotomia não-conceitual entre "mercado" e "Estado", da qual e com a qual as ciências sociais vivem até hoje.

[5] Consultar Michael R. Krätke, "Wie politisch ist Marx' Politische Ökonomie?", In: *Z. Zeitschrift Marxistische Erneuerung*, nº 33, março 1998 e nº 34, junho 1998.

[6] Em um breve fragmento do ano de 1921, Walter Benjamin considerou o "capitalismo como religião", caracterizando-o inclusive como uma "pura religião" (*Kultreligion*). Isso

modo de pensar, um sistema de formas de pensamento na moda – uma ideologia; é hoje a ideologia dominante em muitos países da Terra. Uma ideologia que pode portar ou ensinar uma moral, inclusive uma ética (o *ethos* do trabalho, o *ethos* da troca, o *ethos* do crédito etc.). Hoje, o capitalismo é para muita gente um ideal, um modo de vida e mesmo o único desejável – o "american dream" de riqueza e sucesso através de trabalho duro e habilidade na luta concorrencial, com que muitos sonham, pensando ser os artífices de sua fortuna.

2. Quando de fato começou o capitalismo?

O capitalismo enquanto um sistema econômico histórico é mais antigo que o capitalismo industrial, sua história começa no século XVI com o desenvolvimento de um novo sistema de comércio mundial, instituído na África, na Ásia e também na América pelas potências marítimas européias rivais como Espanha, Portugal, Holanda e Inglaterra. Antes disso, formaram-se apenas cidades comerciais isoladas, centros mercantis e, ao mesmo tempo, centros manufatureiros, ilhas capitalistas no mar de uma economia agrária, ainda intensamente feudal. Já neste precoce capitalismo comercial, das cidades e confederações de cidades (como a Hansa), comércio, pirataria, guerras marítimas e conquista colonial andavam de mãos dadas[7]. No início do desenvolvimento do moderno capitalismo europeu existiam os grandes impérios comerciais e coloniais rivais, sempre sustentados por um dos Estados territoriais europeus rivais. Este prematuro imperialismo comercial e colonial já tem conseqüências para o modo de produção. A transição para as monoculturas, para a produção (em massa) em grande estilo e exclusivamente para o mercado, quer dizer, para a exportação, realiza-se nesse contexto histórico.

Com o capitalismo começa uma nova era da economia mundial e da política mundial. Pela primeira vez, as grandes regiões econômicas do mundo e as grandes potências políticas (além da Europa, todos os impérios como o chinês, o persa, o otomano, o inca etc.) estabelecem relações diretas entre si. Apenas poucos conseguem se livrar ou se isolar com êxito das florescentes potências européias do comércio mundial (um exemplo conhecido é o do Japão, que somente em 1853/54 foi obrigado pela força a abrir suas fronteiras ao mercado mundial, dominado por americanos e europeus). Por volta de 1860, pela primeira vez, a maioria dos distantes países e regiões da terra estava ligada em uma relação de mercado mundial, e surgiam as primeiras redes de comunicação e de circulação transnacionais e transcontinentais.

---

vai além da tese marxiana e weberiana da relação estrutural entre protestantismo e capitalismo. Pode-se contestar Walter Benjamin; enquanto isso, o capitalismo criou a própria dogmática religiosa. Ver Walter Benjamin, "Capitalismo como religião". In: Idem, *Gesammelte Schriften*, vol. VI, Frankfurt am Main, 1990.

[7] Afirma-se no *Fausto* II, de Goethe: "Guerra, comércio, pirataria – três em um, inseparáveis".

A ascensão do capitalismo está diretamente relacionada com o surgimento e o desenvolvimento dos Estados modernos[8]. Os Estados territoriais sobrepujam os impérios comerciais das cidades marítimas (como Veneza ou Gênova, ou mais tarde as cidades hanseáticas no noroeste da Europa), pois, como aparelhos de poder organizados, podem criar e manter grandes exércitos e frotas permanentes, assim como os funcionários desses exércitos. As grandes potências européias são, sem exceção, potências coloniais e comerciais, que tanto na Europa como no ultramar realizam guerras entre si. Porque as forças políticas rivais necessitam sempre de mais e mais dinheiro, elas se interessam pelos capitalistas, pelos comerciantes, empreendedores e banqueiros, pelas fontes fiscais e financeiras, e não apenas por "países e pessoas". Ou seja, elas levam adiante o desenvolvimento do capitalismo; não sabem disso, mas o fazem.

O capitalismo moderno realiza-se através de uma série de "revoluções". Não apenas as revoluções "industriais" são importantes; a revolução "agrária", a revolução do transporte, a revolução "financeira" do século XVIII, assim como a revolução "comercial" logo depois, desempenham um papel não menos importante no desenvolvimento do capitalismo. Tais revoluções sempre ocorrem na história do capitalismo – mais recentemente, tivemos uma revolução financeira que levou ao desaparecimento dos bancos tais como os conhecíamos, à criação e à expansão dos derivados financeiros e ao dinheiro virtual.

Desde o começo, o desenvolvimento das instituições básicas do moderno capitalismo se dá de forma altamente desigual. Levou séculos até que as relações econômicas do capitalismo se implantassem e generalizassem, fazendo com que fossem aceitas naturalmente, como se fossem "dadas pela natureza" e sempre tivessem sido assim. Na realidade, todas elas têm uma história – sobretudo, uma história profundamente sangrenta e violenta. Até os dias de hoje, a "coerção silenciosa das relações econômicas" do capitalismo moderno precisa de ajuda, necessita de uma autoridade presente nos bastidores, muito enérgica, que estabeleça as regras, que institua as normas e possa inclusive aplicá-las. Dessa forma, pode-se escrever o desenvolvimento histórico do capitalismo moderno na Europa e em qualquer outro lugar com a ajuda da história de suas "instituições de base" (mercado, relação salarial de trabalho, empresa privada etc.). Elas são continuamente modificadas, e com elas modifica-se o capitalismo. Cada uma dessas transformações das formas históricas e da estrutura do capitalismo foi disputada politicamente, o desenvolvimento capitalista tem uma lógica, segue tendências, mas nenhuma "lei de bronze".

---

[8] Historicamente, há uma clara conexão entre guerra e capitalismo, e entre luxo (urbano e da corte) e capitalismo. Sobre isso, ver Werner Sombart, *Krieg und Kapitalismus*, e também *Luxus und Kapitalismus*, Munique, 1913.

Elementos do capitalismo – mercadorias, dinheiro, mercados, capital comercial, mesmo trabalho assalariado, crédito, bancos, arrendamento da terra, preços imobiliários, especulação – já existiam há tempos, antes que o capitalismo no sentido moderno se implantasse e penetrasse no conjunto da vida cotidiana. Mercados sob muitas formas, circulação de dinheiro desenvolvida, comércio (a distância) organizado, até mesmo comércio "mundial", podem ser encontrados sem dificuldades na Antiguidade européia, assim como na "velha" Índia, China ou Japão. Isto induziu muitos historiadores e sociólogos – especialmente na Alemanha –, a explicar o capital e o capitalismo como um fenômeno universal da história: o capitalismo sempre teria existido e sempre continuaria a existir[9]. De modo algum. Mercados, dinheiro, mesmo capital e trabalho assalariado tomados em si ainda não constituem o capitalismo. Apenas quando se juntam como partes de um sistema abrangente, de um contexto geral (ou, como Marx falava em linguagem hegeliana, de uma "totalidade"), pode-se falar em capitalismo.

3. O lucro e seu incremento: de onde e quanto?

O lucro provém de diversas fontes – em sentido marxista, a massa geral de lucro pode ser consideravelmente maior do que a massa geral de mais-valia. Os métodos de obtenção de lucro são diferentes, mas em todos os casos trata-se de exploração, isto é, de uma situação em que alguns são obrigados, queiram ou não, tenham consciência disso ou não, a produzir riqueza para outros; ou seja, a trabalhar para eles e a realizar um (produtivo) sobretrabalho; ou então, a confiar a eles suas riquezas, ou seja, a transferi-las sem o equivalente correspondente. Exploração sempre teve algo em comum com poder desigual; mais ainda, com "força estrutural", com situações violentas das quais os subalternos não podem se ver livres. Os exploradores fazem o que podem para que os explorados dificilmente encontrem uma saída para esse dilema, melhor, para que ela seja impossível e para manter essa situação de dependência continuamente – seja a dependência do mercado, a dependência do salário, a dependência do aluguel, a dependência do crédito ou tudo ao mesmo tempo. Tais dependências são recíprocas: os exploradores (detentores do lucro) precisam dos explorados (ou dos que podem ser explorados), e assim realizar o lucro. Frente a isso, defendem-se os explorados e a obtenção do lucro no capitalismo não caminha sem permanentes conflitos e lutas (de classe).

Uma multiplicidade de lucros parece basear-se em puro engano – ganhos comerciais, benefícios monopolísticos, ganhos bancários, ganhos especulativos nos negócios financeiros. Pode-se tirar proveito das constelações de mercados e de

[9] Ver, sobre isso, Fritz Gerlich. *Geschichte und Theorie des Kapitalismus*, Munique-Leipzig, 1913, e Lujo Brentano, *Die Anfänge des modernen Kapitalismus*, Munique, 1916. Segundo eles, teria existido capitalismo desde os primórdios da civilização humana.

conjunturas, particularmente podem-se obter ganhos nos mercados financeiros, que se baseiam na pura redistribuição de capital fictício e que não têm nada a ver com qualquer forma de criação de valor. O argumento de Marx, em princípio correto, de que no mercado (em todos os mercados) apenas um ganha aquilo que o outro perde, e vice-versa, deixa de convir tão logo as chances, pertencentes aos ganhadores e aos perdedores, estejam distribuídas estruturalmente de maneira desigual. Este é o caso em todos os mercados financeiros, em geral. Assim, a coisa se complica, pois as grandezas fictícias com que se obtêm ganhos, os preços da terra e dos imóveis, o curso dos valores mobiliários, podem temporariamente subir para todos os participantes, de maneira a fazer com que todos pareçam estar ganhando (alguns mais, outros menos) – até a próxima quebra da bolsa, quando a maior parte dos preços fictícios e dos capitais fictícios novamente se dissolve no ar.

Para a dinâmica do capitalismo, há uma categoria definida de lucros que é decisiva: os ganhos decorrentes da inovação. São ganhos que alguns empresários podem ter, porque implantaram novidades tecnológicas e/ou organizativas em suas empresas em comparação com seus concorrentes. O capitalismo é o primeiro modo de produção que utiliza e integra de forma sistemática as descobertas e as invenções, inclusive as ciências – inicialmente as ciências naturais, depois as ciências sociais. O "valor" de uma mercadoria representa uma espécie de norma de produção, que se realiza no processo anônimo da concorrência mercantil. Cada empresário que consegue produzir mais barato e/ou melhor que os outros empresários de seu ramo, seja porque usa progressos tecnológicos antes ou melhor, seja porque organiza melhor o processo de trabalho em sua empresa, ou porque economiza nos custos em geral, ou porque consegue explorar mais hábil e efetivamente os seus trabalhadores que os outros, pode realizar um lucro extra, superior à média de lucro[10]. Se os empresários conseguem assegurar, sustentar e ampliar tais vantagens e avanços, eles podem transformar os lucros extras em "diferenciais de renda" normais[11]. Em princípio, todos os capitalistas estão permanentemente à caça de "diferenciais de renda" e de "rendas de monopólio" – só que eles mesmos devem criá-los e não podem simplesmente utilizar as diferenças "naturais" já existentes (como a fertilidade do solo, a abundância das minas ou das fontes de petróleo), como acontece com os proprietários de terra. Na concorrência internacional, no mercado mundial, esses lucros extras podem assumir dimensões violentas. No mercado financeiro internacional, tais lucros tomam a dianteira – a esperança ou a expecta-

[10] Ele pode incluir uma "mais-valia extra", mas não precisa.

[11] A muito conhecida "Teoria do desenvolvimento econômico", de Joseph Schumpeter, de 1911, baseia-se nesta compreensão original de Marx, mas termina em um equívoco: nem todos os lucros são lucros extras, nem todos os lucros extras são ganhos de inovação e apóiam-se em "novas combinações".

tiva de tais lucros já é suficiente para elevar os "valores" fictícios das ações de empresários inovadores a alturas fantásticas[12].

Os lucros podem ser obtidos também por meio de simples expropriação, pode-se enriquecer à medida que se apropria de riquezas que pertencem a outro, ou seja, expropriando-as. Isso é conseguido da melhor forma quando as riquezas cobiçadas são exatamente declaradas "sem dono", ou então chamadas de "bens livres". A história européia começou com as repetidas expropriações de bens comuns, os "*commons*", como mostra com abundância de exemplos a história das colônias: a área colonial e suas riquezas foram desapropriadas com violência – roubo, pilhagem, expropriação em grande estilo (freqüentemente sob a forma civil de compra da terra dos nativos) estavam na ordem do dia. Isto acontece ainda hoje, mesmo quando a apropriação de riquezas do terceiro mundo se dá através das multinacionais sem o emprego aberto da violência, mas com muita fraude, suborno e extorsão.

Quem quiser ter uma idéia de conjunto da massa e do crescimento dos lucros (isto é, da renda do capital ou da renda "sem trabalho") deve admitir a multiplicidade das formas de exploração. Ao lado da exploração primária, da própria produção de mais-valia na terminologia marxiana, há uma multiplicidade de formas de exploração secundária[13]. A exploração primária condiciona o "emprego" direto do trabalhador assalariado produtivo, que trabalha sob o comando direto e sob o controle daqueles que dispõem temporariamente de sua força de trabalho, comprada no "mercado de trabalho", podendo, por isso, ser obrigado, pelos seus patrões e chefes, hoje chamados de "empregadores" (*Arbeitgeber*[14]), a gerar, sistematicamente e por todos os meios, um sobretrabalho não-pago. Aí foram e são desenvolvidos muitos métodos que buscam a elevação contínua da produtividade e da intensidade do trabalho.

Também os proprietários de imóveis, os bancos, as seguradoras, os comerciantes têm muitas possibilidades de explorar seus "clientes" sem propriedade, deles dependentes, mesmo quando não os põem diretamente a seu serviço; os explorados sob essas formas podem ser assalariados produtivos (ou também improdutivos); além disso, tais formas de exploração podem também atingir outros que não são contados como assalariados ativos[15]. A complexidade e o crescente significado das

---

[12] O fato de que se pode cair muito rapidamente de tais valores fantásticos foi demonstrado novamente pela mais recente crise da chamada "nova economia".

[13] Esta não é uma consideração original. Já para o velho Marx isto era conhecido, mesmo que tenha limitado sua análise à forma original ou forma pura do capitalismo na produção e na apropriação da mais-valia.

[14] N.T.: Literalmente, aqueles que oferecem, "dão", o trabalho para os assalariados.

[15] Um mau hábito e um grave erro. Muitos que não produzem mais-valia são, entretanto, explorados pelo capital em variadas formas. Não há que ter receio dessa complexidade, já que o capitalismo não vai tão longe a ponto de fazer com que cada um possa explorar o outro em variações arbitrárias e em combinações também arbitrárias.

formas de exploração "secundárias" não são normalmente levados a sério pela ortodoxia marxista. Acrescente-se a isso a exploração internacional, que compreende uma multiplicidade de métodos pelos quais um país pode se "enriquecer, do ponto de vista capitalista", às custas de um outro, mesmo que normalmente o enriquecimento particular do país beneficiário arruíne alguns de seus capitalistas. Uma parte não-desprezível dos lucros que são embolsados nos países ricos do norte provém dos países pobres do sul (ou do leste). Sem a "exploração do mercado mundial" não se pode entender a estrutura da riqueza e da pobreza das nações (capitalistas).

Recentemente, em muitos países capitalistas o imposto progressivo é combatido enquanto "explorador". Na realidade, existe algo como uma "exploração tributária", mas em geral não atinge os ricos[16]. Em todos os países capitalistas desenvolvidos, uma parte dos lucros vem exatamente dos impostos não-pagos, reduzidos, fraudados e/ou como impostos descontados pelos respectivos governos.

Quanto? Isto pode apenas ser avaliado. Mesmo no âmbito das empresas particulares, a contabilidade dos lucros e das perdas é um capítulo à parte e depende de numerosas convenções ou regras jurídicas. Por que grandes empresas anunciam hoje, apesar de durante anos terem obtido bilhões em lucros, programas de reorganização, que se realizam às custas da demissão de centenas ou milhares? Porque não é o volume absoluto de lucros, mas a taxa de lucro que é tomada como índice para o êxito ou fracasso, como critério de eficiência. Pode-se discutir se no atual capitalismo ainda existe uma "taxa geral" ou "taxa média de lucro" como grandeza reguladora – uma grandeza que indique o tamanho do lucro "normal". Muitas coisas indicam que, para grande parte do capital, em especial para o capital financeiro que circula pelos mercados de capitais, tal grandeza não se sustenta; de qualquer modo, não desempenha mais nenhum papel, mesmo que isso já tenha ocorrido.

Em todo caso, mundo afora a desigualdade de rendas e riquezas nas e entre as nações capitalistas aumentou enormemente nas duas últimas décadas. Hoje há mais ricos e super-ricos como jamais houve, e estes ricos e super-ricos são hoje consideravelmente mais ricos em comparação com a média dos perdedores como jamais foi. No tocante aos proprietários de riquezas, esta desigualdade manifesta-se de forma ainda mais aguda. Ou seja, há pouca razão para preocupações com o montante dos lucros.

4. Rosa Luxemburg – sua grande idéia e o que resta disso?

As contribuições de Rosa Luxemburg para a economia política do capitalismo conheceram um curioso destino. Elas foram asperamente criticadas e recusadas pela grande maioria dos economistas marxistas de seu tempo. O êxito, mas não a influên-

[16] Consultar sobre isso, Michael R. Krätke. *Kritik der Staatsfinanzem,* Hamburgo, 1984.

cia[17], foi negado ao livro que ela considerava o mais importante – a sua *Acumulação do Capital*, lançado em 1913. Pois Rosa Luxemburg, através de sua crítica a Marx, deu impulso a reflexões e a novas formulações sobre a teoria da acumulação do capital. Uma parte que permaneceu incompleta da crítica marxiana da economia política – sua análise e apresentação do processo de acumulação sob a forma de um "esquema" da reprodução ampliada – tornou-se objeto de um longo e por vezes acalorado debate[18]. No final do debate – exatos 25 anos mais tarde –, os economistas marxistas tinham de fato adquirido uma nova compreensão da macroeconomia capitalista e do modo de funcionamento do mercado mundial.

Cinco elementos são centrais para a idéia de Rosa Luxemburg sobre o capitalismo, ou melhor, para sua crítica atualizada do capitalismo, a crítica do imperialismo, que encerra ao mesmo tempo uma crítica a Marx:

Primeiro, ela vê o capitalismo desde o início como um sistema mundial, por isso coloca o desenvolvimento do capitalismo em países singulares, sobretudo na Europa, consciente e sistematicamente em relação com o mercado mundial. Capitalismo em um só país é uma representação tão falsa quanto "socialismo em um só país".

Segundo, ela vê o desenvolvimento capitalista, começando com o processo elementar de acumulação de capital, como um acontecimento tanto econômico quanto político – isto é, como um processo que envolve lutas, conflitos e violência políticos. Rosa Luxemburg toma a economia do capitalismo tão politicamente quanto ela é (e nisso segue Marx). Algumas "leis" do capitalismo em geral, ou da acumulação do capital, instauram-se apenas por meio de caminhos políticos, graças a intervenções políticas, assim, por exemplo, a "lei do salário", que não é de nenhum modo de bronze, mas, ao contrário, altamente elástica[19].

Terceiro, ela sublinha os limites históricos do desenvolvimento capitalista: se o capitalismo se implantou por toda a parte, tornou-se a única forma de produção

---

[17] Assim como Rudolf Hilferding queria explicar o "mais recente desenvolvimento do capitalismo", com sua investigação sobre *O capital financeiro* – de 1910, também Rosa Luxemburg queria oferecer com o seu livro sobretudo uma "Contribuição para a explicação econômica do imperialismo", como se lê no subtítulo. Ver Rosa Luxemburg, *Die Akkumulation des Kapitals*, in *Gesammelte Werke*, vol. 5, *Ökonomische Schriften*, Berlim, 1990.

[18] A própria Rosa Luxemburg participou do debate que desencadeou, com o polêmico ensaio "Die Akkumulation des Kapitals oder Was die Epigonen aus der Marxschen Theorie gemacht haben. Eine Antikritik". Ela escreveu a versão ampliada desse texto (a primeira edição é de 1913) na prisão, em 1915. Ele foi publicado somente em 1921, após sua morte. Ver Rosa Luxemburg, op. cit.

[19] Sobre isso consultar Michael R. Krätke. "A very political economist: Rosa Luxemburg's Theory of Wages". In: Bellofiore, Riccardo (org.), *Rosa Luxemburg and the critique of political economy*, Basingstoke-Londres, 2006.

para todas as pessoas em todo o mundo, então ele não pode mais continuar se propagando e se desenvolvendo. Assim a sua impossibilidade torna-se decisivamente clara. Pensamento nuclear de Rosa Luxemburg: o capitalismo é apenas possível em movimento contínuo, propagando-se e ampliando-se, para depois esforçar-se para se tornar sistema mundial. Mas enquanto sistema mundial ele é impossível. Ele torna-se, de forma irrecusável, vítima de seu próprio êxito histórico mundial. Nisso ela tem razão, agora como antes, ainda que em parte por outros motivos, e não por aqueles que considerava corretos e evidentes[20].

Quarto, ela via de maneira inteiramente clara que a chamada "acumulação primitiva", ou seja, a formação da riqueza privada, da propriedade da terra e da propriedade do capital por meio da expropriação violenta (ainda que com freqüência também suficientemente legalizada) de muitas propriedades comuns, ou a eliminação dos "direitos de propriedade" coletivos, e/ou a apropriação privada de riquezas (naturais) aparentemente "livres", sem dono, desempenhou um papel central não apenas na pré-história ou no surgimento do capitalismo moderno, mas também desempenha e continuará a desempenhar um papel decisivo na atual (e futura) história do capitalismo, considerado em dimensão mundial.

Quinto, ela não hesita em atacar o absurdo, o extravagante, o irracional do desenvolvimento capitalista. O capitalismo produz um mundo "louco", cheio de formas e manifestações "irracionais", que diariamente contrasta com a sua hipotética "racionalidade". Suas contradições não são exatamente contradições no sentido da lógica formal, são – os dialéticos Marx e Engels a cumprimentariam – contradições gritantes, antagonismos explosivos da vida cotidiana, que levam a constantes conflitos, catástrofes, por vezes também a revoltas.

5. O que quer dizer capitalismo global? Geopolítica e geoeconomia: "espaço" é a nova palavra-chave para o novo capitalismo?

O capitalismo, desde o início, cobiça o mercado mundial. Finalmente, no decorrer de muitos séculos, constitui-se uma economia mundial de caráter capitalista. A primeira verdadeira crise do mercado mundial, na história do capitalismo moderno, aconteceu em 1857/1858[21].

---

[20] Ver Michael R. Krätke, "The Luxemburg Debate. The Beginnings of. Marxian Macroeconomics". Paper apresentado na Conferência Internacional sobre Rosa Luxemburg, Wuhan University, China, 20-23 de março, 2006.

[21] Marx estudou e comentou profundamente este significativo acontecimento. Ver sobre isso Michael R. Krätke, "Kapitalismus und Krisen. Geschichte und Theorie der zyklischen Krisen in Marx' ökonomischen Studien 1857/1858". In: *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung*. NF, 1998.

Mas, com isso, estava longe de se encerrar o desenvolvimento do capitalismo em escala mundial. Ele até hoje não foi concluído. Em muitas partes do mundo, o capitalismo ainda tem um futuro à sua frente, seus "períodos de tempestade e ímpeto" (*Sturm- und Drangperioden*) se repetem. Os centros e os pontos fortes da economia mundial capitalista, do mercado mundial, deslocaram-se várias vezes ao longo da história, e eles podem se deslocar novamente; mas sem luta ou perdas isso não aconteceu nem acontece.

O fato de que o "espaço" teria se tornado hoje, para a época atual, a categoria-chave é uma afirmação tão exagerada e infundada como a contraposta garantia de que o espaço, as distâncias espaciais, não representam mais nenhum papel, que teria chegado o "fim da geografia". Espaço e tempo, distâncias espaciais, diferenças de "lugares" (de posição), a desigual distribuição das riquezas naturais, começando pela qualidade dos bosques de caça e dos pastos, da terra cultivável desempenham um grande papel na economia política clássica. Mas aquilo que os economistas consideram como dado pela natureza, como circunstâncias imutáveis, é constantemente reformulado e recriado pelo capital. O capital não permanece tal como é, pois se empenha constantemente em superar as distâncias espaciais através da aceleração do movimento, comprimindo espaço e tempo. Na constante luta concorrencial entre capitais, as diferenças geográficas existentes – as condições de transporte, a fertilidade do solo, a distribuição das riquezas da terra, o rendimento das fontes de matéria-prima – são, de quando em quando, simultaneamente aproveitadas e modificadas. Com o capitalismo, começa não apenas um novo regime de tempo; a "produção do espaço", para usar um conceito de Henri Lefèbvre, na verdade, a produção do espaço como mercadoria é, pela primeira vez, sistematicamente realizada em grande estilo[22]. O espaço produzido de forma capitalista, ao qual pertencem hoje as cidades, as redes de transporte, assim como a produção primária do solo utilizado (entretanto, industrializada), é incessantemente redistribuído e reestruturado. Tanto o solo, como as suas riquezas transformam-se em mercadorias e são levadas ao mercado[23]. O espaço do mercado mundial é criado

---

[22] Já em 1939, Henri Lefèbvre (em *Le matérialisme dialectique*) criticara Marx por ter essencialmente analisado as estruturas temporais da economia capitalista, mas negligenciado as dimensões espaciais. No que diz respeito à análise da propriedade da terra e da valorização do capital na agricultura ou na exploração de minas, esta crítica não foi totalmente infundada. Marx, apesar de estudos intensivos até o fim de sua vida, não completou isso. Henri Lefèbvre finalmente publicou sua análise em 1974, no livro *La production de l'espace*, que, infelizmente, até hoje não existe no idioma alemão.

[23] O comércio e a especulação com solo, construções e terrenos na cidade e no campo são hoje, graças à transformação de todas as dívidas e créditos em mercadorias fictícias, um negócio realizado em muitos mercados financeiros internacionais. Especulações imobiliá-

pela indústria internacional de transporte e comunicação, e justamente sob a forma de mercadoria. A isso se somam as grandes praças de comércio e finanças do mundo, e as metrópoles, que são simultaneamente centros industriais e de serviços.

Em tempos de permanente superabundância de mercadorias nos mercados mundiais, de contínuas capacidades excessivas nos principais países capitalistas e de crescente e visível escassez dos mais importantes recursos industriais (minérios, minerais, combustíveis fósseis), a geopolítica parece retornar – sob a forma de guerras por recursos que são empreendidas mundo afora[24]. Desde o início do desenvolvimento capitalista, Estados – superfícies territoriais – ou áreas geográficas (que somente mais tarde se transformam em "Estados nacionais") desempenham um papel-chave na formação do mercado mundial, na expansão espacial do capitalismo. Como com o comércio internacional e o mercado mundial surge uma "divisão internacional do trabalho", um sistema recíproco mas altamente assimétrico de dependências, a concorrência pelo mercado mundial e a rivalidade política entre as nações capitalistas andam de mãos dadas. A estrutura da economia mundial capitalista, tal como a conhecemos, baseia-se precisamente no fato de que as nações capitalistas dirigentes – em luta por mercados, por rotas de transporte, por matérias-primas (e eventualmente também por força de trabalho) – conseguem obrigar outros países e povos a entrar no mercado mundial, apropriar-se de seus recursos, impor a eles o modo de produção capitalista, ou seja, submetê-los ao domínio do capital estrangeiro (europeu, norte-americano)[25]. Nem os Estados nacionais nem as economias nacionais desapareceram hoje, assim como antes a "internacionalização" e a "nacionalização" do capital caminham juntas[26]. Apesar dos custos mais reduzidos de transporte e de transações, o capital não é nem "sem

---

rias e bolhas imobiliárias não são mais acontecimentos locais, mas negócios internacionais, inclusive transnacionais, com conseqüências internacionais.

[24] Geopolítica é a doutrina segundo a qual toda a política internacional de todos os Estados é inteiramente determinada pelas condições geográficas, isto é, diretamente ditada por elas. Isso soa como algo bem materialista, mas é uma distorção plena de conseqüências. Faltam aos geopolíticos, como a todos os cientistas naturais de orientação materialista, a história e a dialética.

[25] Ademais, o carregado jargão ideológico das ciências sociais, que fala de "países em desenvolvimento", obscurece um fato, do qual tinham muita consciência os economistas políticos do século XIX, como o velho Marx: o de que um país como a Índia, por exemplo, somente através do domínio colonial britânico transformou-se em um país pobre e "subdesenvolvido", o que não era no momento da chegada dos europeus.

[26] Para alguns dos mais antigos economistas marxistas, esta conexão já era conhecida. Assim Nikolai Bukharin, em seu livro sobre *Imperialismus und Weltwirtschaft* (1917), discutiu a "internacionalização" do capital, bem como o processo complementar de sua "nacionalização". Consultar Nikolai Bukharin, op. cit. (reimpressão, Frankfurt am Main, 1969).

lugar", nem "sem Estado", e muito menos tem mobilidade "sem fronteiras". Praticamente tudo na atual economia mundial capitalista – desde o comércio, passando pelas transações do mercado financeiro até a concorrência por posições – se desenvolve no interior e entre as três grandes regiões econômicas da "Tríade" (América do Norte, Europa e Leste da Ásia).

Para se entender o impetuoso desenvolvimento, as transformações e as crises da atual economia capitalista mundial, pode-se facilmente abandonar a vazia palavra da moda: "globalização"[27]. Assim faz a maioria dos cientistas sociais sérios, que apenas reagem alergicamente ao *globlabla* – em inglês, *globaloney*; em francês, *globiche* – da chamada elite. Mas sem fórmulas mágicas ideológicas: o que se pode conceber como um "capitalismo global"?

Pode-se entender por capitalismo global simplesmente o sistema mundial de mercados, a economia mundial capitalista. Isso faz todo o sentido, pois nem todos os mercados estão inteiramente integrados em um mercado mundial particular, que englobe tudo. Alguns mercados de matérias-primas, alguns mercados de produtos, a maioria dos mercados financeiros já estão integrados, mas não muito mais do que isso[28]. O sistema dos mercados financeiros internacionais aproxima-se do ideal de um capitalismo "global", sem fronteiras e sem Estados – assim parece para aqueles que não enxergam bem. Na realidade, também os mercados financeiros

[27] Quem valoriza o pensamento lúcido deve fazer isso também. Pois a expressão "globalização", observe-se de passagem que foi descoberta nas *Business Schools* americanas, sofre de um defeito lógico, que eleva o seu valor de uso ideológico, mas não o seu valor explicativo. Breve e sinteticamente: todos aqueles que utilizam essa expressão confundem, em toda a sua extensão, *Explanans* e *Explanandum*. Pois o fenômeno que deve ser explicado (globalização) é designado com o mesmo termo que o processo, que produz o fenômeno (globalização). Ou seja, os habituais discursos – incluindo os acadêmicos – sobre a globalização movem-se não apenas em círculo, como trotam agitadamente sobre o mesmo lugar.

[28] Para os mercados de matérias-primas como o mercado internacional de petróleo, o de ouro, o de café etc., aplica-se: eles apenas são formados através das bolsas internacionais de mercadorias, e assim mantidos. Vale dizer, através do comércio organizado pela bolsa com títulos de mercadorias "padronizados" – "papel-petróleo" ou "papel-café", inclusive "papel-ouro" –, que entram no lugar das verdadeiras mercadorias e, com estes papéis-títulos se negocia e se especula. Mais recentemente, este comércio é recoberto pelo comércio de derivados – opções e *Futures* –, quer dizer, transações (de compra e venda) com esses títulos de mercadorias. Por exemplo, o comércio com derivados de ouro é de longe mais importante que o comércio com títulos de ouro. Os preços do mercado mundial para o petróleo, o ouro etc. são decisivamente influenciados pelos negócios com os derivados de petróleo e de ouro. A grande massa – exatos 47% – do comércio internacional de derivados de mercadorias desenvolve-se, aliás, no comércio com os derivados do ouro. O que vai explicitamente contra aqueles que escreveram, e que pensam, que o ouro não representa mais nenhum papel na atual economia mundial.

têm uma estrutura espacial, impregnada pela tríade, funcionando de maneira altamente diferenciada; além disso, estão subdivididos em uma multiplicidade de mercados parciais altamente especializados, hoje mais do que nunca. Não se deve deixar enganar pelas simples grandezas : apesar da elevada concentração (espacial e econômica) dos mercados financeiros, estamos bem longe de um sistema completamente integrado dos mercados financeiros internacionais (e não apenas na Europa).

Por capitalismo global, pode-se entender uma (possível) situação na qual o modo de produção capitalista domina, de fato, inatacável, todos os países e povos da Terra. Hoje, como nunca antes, estamos perto de tal situação, embora ainda não a tenhamos atingido inteiramente. Desde 1857/1858, sempre tivemos algo como crises econômicas mundiais – quer dizer, praticamente todos os países e regiões do mundo foram afetados pelas grandes crises do capitalismo, sem que necessariamente também tivessem de produzir de forma capitalista em toda a sua extensão. Muitos países e povos da Terra sofrem com as revoluções do mercado mundial (tal como acontece com a mais recente, que leva o nome inteiramente desapropriado de "globalização") como revoluções passivas que devem ser suportadas. Assim como antes, o modo de produção capitalista não domina o mundo inteiro, ainda que hoje se estenda sobre a maioria da população mundial.

Capitalismo global pode significar, em terceiro lugar, que a economia mundial domina completamente e em todos os aspectos as economias nacionais e/ou as regionais. Entretanto, isso não acontece. Nem sequer as mais fortes nações exportadoras como Alemanha e Japão são total ou apenas preponderantemente dependentes do mercado mundial e de suas conjunturas. Para a Alemanha, o mercado interno europeu – menor, mas na região de maior integração dos países centrais da União Européia – é, de longe, mais importante que o "distante mundo" dos mercados americanos ou asiáticos.

O discurso sobre o capitalismo global (ou também, capitalismo transnacional) pode ser entendido, em quarto lugar, como o domínio do crescente número das empresas multinacionais e transnacionais sobre toda a economia mundial capitalista. Sem dúvida, um terço do volume do comércio mundial é realizado pelas empresas multinacionais e transnacionais (o chamado comércio entre firmas). Entretanto, as multinacionais e as transnacionais não conseguiram nem se tornar "sem lugar" nem "sem raízes", nem puderam estabelecer até agora um mundo paralelo, à parte, do capitalismo multinacional/global com as próprias regras do jogo e formas de circulação.

Finalmente, pode-se interpretar o discurso do capitalismo global no sentido da desejada tese da convergência: na luta pela concorrência global, os capitalismos nacionais se aproximariam cada vez mais entre si, o tipo anglo-saxônico de capitalismo seria comprovado como o "modelo" superior em todos os sentidos e em

todos os outros países; em especial os europeus, mais cedo ou mais tarde, seriam obrigados a renunciar aos próprios modelos e a se adaptar às "*best practices*" do capitalismo norte-americano[29].

Uma afirmação falsa, questionável e contestável, empiricamente atestada: nem desapareceram os Estados nacionais, nem existe uma tendência demonstrável de convergência entre os diferentes capitalismos nacionais e regionais. Ao contrário. As diferenças são mais acentuadas hoje do que nunca antes. Mais do que antes, nós podemos diferenciar mundo afora uma série inteira de "capitalismos", mais do que antes agem os governos nacionais de forma altamente diferenciada – segundo as formas particulares que assumiram os mercados de trabalho, os mercados monetários e de capitais, as empresas, ou seja, os elementos centrais de cada "economia nacional"[30]. O "capital global", que *de facto* existe adicionalmente apenas em alguns setores (somente na formação do "capital financeiro", isto é, dos grandes conglomerados financeiros que operam simultaneamente em todos os mercados de capitais), não domina de modo algum a marcha da economia capitalista mundial.

6. Há um "novo" imperialismo?

Sim e não. O desenvolvimento capitalista começa com os impérios comerciais e coloniais; na história do capitalismo podemos distinguir fases diferentes da expansão colonial, da fundação e da construção de impérios – sustentados e impulsionados por grandes potências rivais –, assim como diferentes fases de descolonização, nas quais os impérios diminuíram ou desmoronaram. Praticamente todas as nações capitalistas foram potências imperialistas, travaram guerras coloniais – entre si ou contra aqueles que se opunham ao seu domínio colonial. Hoje – depois do fim preliminar da terceira grande onda de descolonização na história do capitalismo moderno (a primeira começou com as sublevações de colonos nas colônias americanas do norte e do sul contra as respectivas mães-pátria) –, oficialmente, nenhum território fora da própria fronteira estatal é mais anexado e incorporado a um império colonial, nenhum Estado vassalo ou colonial é mais fundado e mantido. Territórios sem soberanos e sem Estados não existem mais, oficialmente a soberania estatal das antigas ou potenciais colônias é respeitada. Mas isto se modifica.

Como "a bandeira segue o comércio", cada Estado nação ou região pátria não nega o seu apoio às multinacionais, que se expandem e emigram, incluindo

[29] Ver sobre esta tese, hoje dominante no debate acadêmico: Strange, Susan. "The future of global capitalism; or we will divergence persist forever?". In: Colin Crouch; Wolfgang Streeck (org.): *The political economy of modern capitalism*. Londres, 1997.

[30] A política econômica comparada também pertence à economia política internacional: o estudo do mundo real dos "muitos capitalismos", tal como já mostraram os clássicos da economia, incluindo Marx.

ameaças com a aplicação de força militar. Os Estados Unidos seguem oficialmente a política de defender os cidadãos americanos e a propriedade americana por todo o mundo – em caso de necessidade, com violência. Mesmo se as riquezas coloniais das grandes potências européias são reduzidas a restos, elas sempre conservam "relações especiais" com suas antigas colônias, como sempre elas definem suas zonas de influência nas diferentes partes do mundo. Os métodos não sofreram mudanças fundamentais – as nações capitalistas dirigentes continuam a realizar o comércio sob condições altamente desiguais com os países do chamado "terceiro mundo", como sempre elas se apropriam de suas riquezas naturais e as exploram (a apropriação por meio de contratos formalmente legais de compra e uso não apresenta nada de novo), como sempre elas impulsionam a dependência das dívidas, como sempre necessitam de sua força de trabalho barata e a exploram segundo todas as regras da arte. Como sempre elas fazem isso sem descanso, em permanente concorrência entre si, da qual, por vezes, podem se aproveitar também os regimes e as elites do terceiro mundo.

É como se a longo prazo Karl Kautsky tivesse tido razão, e não Lênin: o imperialismo clássico parece ter se transformado em "ultra-imperialismo", no qual as grandes potências capitalistas mundiais resolvem pacificamente suas disputas internas e se entendem sobre a repartição do "terceiro mundo", precisamente sobre sua exploração comum[31]. Desde o estabelecimento do G7 (Grupo dos Sete) no verão de 1975 (e depois a sua ampliação para o G8, com o ingresso da Rússia como membro integral em janeiro de 2003), o mundo é dominado por um pequeno e exclusivo clube de grandes potências capitalistas. Este grupo de grandes potências não tem nenhum status formal, não se baseia em nenhum acordo inter-

[31] Kautsky desenvolveu a tese do "ultra-imperialismo" em 1914/1915, em uma série de artigos na revista *Neue Zeit*, e finalmente, como resposta aos seus críticos no debate, na brochura *Nationalstaat, Imperialistischer Staat und Staatenbund*. O seu argumento baseia-se na distinção entre as mudanças estruturais na fase inicial do desenvolvimento capitalista, que impulsionou os países altamente desenvolvidos para a expansão e a apropriação de fontes de matéria-prima em todas as partes do mundo, e a forma política, sob a qual essas necessidades econômicas dos diferentes Estados nacionais se deram. O imperialismo foi apenas uma possível resposta política à necessidade econômica da expansão voltada para fora, não a única. Possivelmente, seria imaginável também uma outra política que a do "ultra-imperialismo", quer dizer, da repartição e do controle comuns das reservas de matérias-primas do mundo por um pequeno número de nações industriais capitalistas, fortalecida pelos Estados Unidos. Isto teria sido uma possível reação em face da catástrofe da Primeira Guerra Mundial, levando à política imperialista – uma expansão e exploração imperialistas do resto do mundo por parte de algumas poucas potências capitalistas, que cooperariam em vez de se combaterem, nada mais, nada menos. Ver Karl Kautsky. "Der Imperialismus", *Die Neue Zeit*, Jg. XXXII, 1913/1914, vol. II. *Idem, ibidem*. Nürnberg, 1915.

nacional. Mas ele sempre consegue, sob diferentes alianças, e através da ampliação do ilustre círculo interno para G11 ou G12, determinar algo como os princípios de uma política econômica mundial (sobretudo uma política comercial, monetária e financeira). Assim como antes, existem numerosas rivalidades e oposições entre as potências imperialistas, com todas participando da repartição do mundo em um crescente número de blocos econômicos regionais – União Européia, Nafta, Mercosul, Asean, Apec são apenas alguns exemplos. Muitas lutas, mas não todas, entre as grandes potências imperialistas são hoje resolvidas no interior destes blocos, ou entre estes blocos, como, por exemplo, a luta pelo mercado agrícola internacional, a luta pelos mercados de aço, a luta pelos mercados têxteis. Para a luta pelo petróleo e pelo gás, para a luta pela água ou pelos minerais metálicos do mundo, não há nenhum fórum político, apenas a luta concorrencial cotidiana nas e por trás das bolsas mundiais.

Quão estável é ou será este regime "ultra-imperialista" depende do papel que os Estados Unidos poderão desempenhar no sistema capitalista mundial. O debate sobre o "novo" imperialismo gira em torno dos Estados Unidos, a única potência mundial que dispõe de um poderio militar de "alcance global" e manifesta exigências e ambições imperiais (pelo menos em parte de sua elite)[32]. O Estado americano foi e é a força propulsora central do chamado "processo de globalização", e de nenhum modo a sua vítima. Graças aos Estados Unidos, o fato de que a guerra, inclusive as guerras de intervenção e as preventivas, a instituição de protetorados com força militar, o estabelecimento de fronteiras cercadas, a transferência de campos militares, a constituição de Estados vassalos e clientes como numa confederação, todos sem exceção tornaram-se novamente meios normais da política internacional. Graças aos Estados Unidos confunde-se o "novo" imperialismo com o velho, ainda que até agora não se tenha chegado à colonização aberta de regiões estratégicas importantes. Entretanto, conhece-se hoje uma multiplicidade de objetos de desejo a serem defendidos das potências imperialistas. China e Índia não por acaso são quase potências atômicas, invasões só se realizam onde não se conta seriamente com resistência. Mesmo a superioridade militar dos Estados Unidos não basta para a conquista militar e a colonização duradoura de todos os países e regiões.

---

[32] Ver sobre isso Peter Gowan. *Global Gramble: Washington's Faustian Bild for Word Dominance*, Londres, 1999. Não analiso as afirmações burlescas desse debate: o mundo inteiro ter-se-ia transformado num império sem centro nem estrutura (Hardt/Negri), ou, todas as nações capitalistas ter-se-iam deixado incorporar silenciosamente a um império americano (Panitch/Gindin). Para muitos marxistas, a economia política internacional degenerou numa história horripilante, em que se conta, com grande entusiasmo, coisas sobre pistolas de bandidos envolvendo grandes conspirações mundiais.

Não porque a elite americana não desejasse tal coisa, mas porque não pode. Pois os Estados Unidos não são uma superpotência mundial em todos os sentidos, mas um gigante militar e financeiro sobre pés frágeis, como mostra a economia mais deficitária do mundo, que, perante seus principais concorrentes, possui consideráveis fraquezas estruturais. O discurso sobre a queda da indústria americana não é conto de fadas e não é por acaso que os Estados Unidos, campeão mundial do livre-comércio, sejam ao mesmo tempo um dos países mais protecionistas da Terra, sempre pronto a travar guerra comercial em defesa da indústria local e (sobretudo) a romper a cerca da agricultura. Sem a afluência diária de bilhões de capital estrangeiro, a economia americana não poderia sobreviver um só dia, já que o curso do dólar depende de até quando esse capital está disposto a financiar a dívida estatal americana[33].

7. O que é o capitalismo neoliberal?

Uma infeliz união de palavras. Tem-se em mente a hegemonia, que, entretanto alcançou escala mundial, ainda que limitada à chamada "elite", de uma determinada ideologia e da práxis política a ela pertencente, que desde o início dos anos 80 se implantou na maioria dos países capitalistas. Mesmo que a recepção e a retórica oficial da política econômica, financeira e social sejam as mesmas por todo lado, as políticas reais, entretanto, se diferenciam consideravelmente. Pois em lugar algum puderam os membros da nova fé cega encontrar e provocar uma situação de *tabula rasa*. Diante disso, os defensores do neoliberalismo se encontram perante um dilema semelhante ao da Inglaterra do século XIX: eles venceram por todo lado, mas por todo lado os regimes agem como "traidores" da doutrina pura (com exceção do ícone Margaret Thatcher).

O neoliberalismo não é de modo algum uma conseqüência lógica ou produto ideológico de mudanças estruturais do capitalismo, como pensam alguns hiperortodoxos. Enquanto doutrina, existia muito antes; foi impulsionado ativamente enquanto projeto político desde finais de 1940 e propagado mundialmente. Sem a atividade de uma rede de propaganda, subvencionada durante décadas com milhões em contribuições, dos chamados "*think tanks*" (como a Mont Pèlerin Society), não se teria nunca formado a hegemonia temporária do pensamento único neoliberal[34]. Ela naturalmente tem uma base real. Mas não se encontra nas relações de produção modificadas, e sim na ascensão dos donos do capital financeiro

---

[33] Ver Emmanuel Todd, *Après l'Empire*, Paris, 2002; e Michael Mann, *Incoherent Empire*, Londres, 2003.

[34] Sobre a história desses "*think tanks*", consultar Bernhard Walpen, *Die offenen Feinde und ihre Gesellschaft. Eine hegemonietheoretische Studie zur Mont Pèlerin Society*, Hamburgo, 2004.

e dos proprietários de riquezas (os rentistas), que se aproveitaram da oportunidade oferecida a eles pela grande crise da economia mundial capitalista nos anos 70.

Mas um capitalismo "neoliberal" não existe, tal como nunca existiu um capitalismo "liberal" (o capitalismo da suposta "livre concorrência" do século XIX). Nenhum país capitalista altamente desenvolvido corresponde hoje à imagem ideal de uma economia "desregulada", "liberalizada", "flexibilizada", com Estado mínimo, enxuto, com serviços e bens públicos inteiramente "privatizados", fronteiras abertas para o capital flutuante etc. Pode-se discutir se, por exemplo, o sangrento e extremamente violento "experimento" do Chile, desde 1973, apresentou algo como uma aproximação da imagem ideal neoliberal. Mesmo o capitalismo americano não funciona na pureza e cem por cento segundo as receitas neoliberais. Os Estados Unidos têm um grande setor público (ainda que parcialmente "escondido"), têm um (ou inclusive muitos, divididos multiplamente) Estado de bem-estar, têm muitos mercados regulados e controlados. Também Hong Kong, que freqüentemente é mencionado, não correspondente à imagem ideal. A colônia hereditária britânica – um dos quatro "tigres" asiáticos – funciona apenas porque o Estado detém o conjunto da terra e do solo, e, em especial, regula estritamente o mercado imobiliário, contestando assim, de forma persistente, o "livre jogo das forças do mercado". Poderíamos citar as consideradas "zonas de livre comércio", que foram e são utilizadas em alguns países do chamado terceiro mundo para atrair capital estrangeiro, como, por exemplo, de forma massiva na República Popular da China. Mas uma análise mais cuidadosa mostra rapidamente que também nas "zonas de livre-comércio", o capital estrangeiro não faz e não pode fazer o que quer, já que tem de se curvar a controles rígidos e a duras regras.

Não conhecemos nenhum exemplo de um "capitalismo puro", que corresponda à representação ideal neoliberal de um mercado inteiramente livre. Para isso, há bons motivos, que são bem conhecidos na tradição da economia política (crítica).

Os mercados têm fronteiras necessárias, uma inteira série de pontos cegos e inerentes erros de origem. Os mercados fracassam e não por acaso, mas em razão de propriedades sistêmicas, que são, inclusive politicamente, retificadas pelas "intervenções" de atores que não se submetem à concorrência mercantil, mas que não podem eliminá-las. Por isso a economia política (crítica) conhece, ao lado das mercadorias, também as categorias dos bens comuns, dos bens públicos, mas também as das "mercadorias disputadas" e – *last not least* – a categoria das "mercadorias fictícias". Nenhuma dessas categorias tem algo a ver com a natureza, tampouco com os limites do "mercado dos sonhos", que são descritos pelas "zonas em disputa" entre esses domínios especiais da riqueza social.

Indiscutivelmente houve e há numerosas alternativas para a circulação pura do mercado; nunca na história da humanidade, a totalidade das atividades econô-

micas se submeteu a uma e simples lógica do mercado. O lema do movimento de crítica à globalização "O mundo não é mercadoria" corresponde a uma verdade científica. É impossível converter tudo em mercadoria – assim como também é impossível haver um mercado sem Estado. Os limites do mercado, começando pelas chamadas externalidades, estão por toda parte e eles se fazem notar constantemente. As economias regionais e nacionais/transnacionais são hoje todas "economias mistas", mesmo que o setor capitalista de mercado domine. Inclusive os países capitalistas mais desenvolvidos, como os Estados Unidos, têm hoje grandes setores "públicos"; muitos têm um setor de economia "social" (ou "solidária", ou "cooperativa").

Logo, o neoliberalismo é uma ideologia – de *managers* e apropriadores de capital para *managers* e apropriadores de capital, ou daqueles que querem se tornar tais. Essa ideologia age de forma sedutora por meio de afirmações repetidas e incessantes em todos os tons: aqui seria anunciada a razão, a "racionalidade econômica" pura e simples, e apenas esta racionalidade (acompanhada precisamente de seu receituário correspondente) levaria a um sempre mais alto bem-estar e felicidade para todos. Quem sempre contesta isso é um inimigo da razão e da felicidade humana. Os neoliberais anunciam uma espécie de religião alternativa secular, a crença na cura e na força milagrosa do "mercado": para todo problema econômico, para todo problema social e político, em qualquer lugar do mundo, há uma solução universal: o jogo livre das forças do mercado. Para todo mal deste mundo, há uma explicação que vem sempre da mesma causa: os incompetentes e os ignorantes atreveram-se a se intrometer no ofício do sagrado mercado, da livre concorrência. Com isso, na realidade, o próprio capitalismo foi elevado a um capitalismo ideal, utópico, da livre concorrência, tornando-se uma religião mundial[35]. Marx, em sua análise do "caráter fetichista" da mercadoria, do dinheiro (e não esquecer do capital), mostrou como a economia (mundial) feita pelos homens aparece precisamente a eles como uma espécie de "força natural", como uma necessidade que se impõe a tudo. Tal crença na invencível necessidade do mercado mundial, da concorrência internacional, não só é compartilhada, como é apregoada pelos neoliberais. Eles vêem o "mercado" como uma espécie de poder natural benfeitor, no qual se deveria confiar plenamente. Essa ideologia combina muito bem com as formas de pensamento "fetichistas" que sempre caracterizaram o capitalismo e seus atores.

---

[35] Como os neoliberais defendem uma crença, eles estão a todo momento e por toda parte prontos a levar à vitória tal crença, com todos os meios permitidos e não-permitidos. Onde os neoliberais estão no poder, a democracia está sempre em perigo. Onde os neoliberais ficaram décadas no poder, a conseqüência inevitável foi a transformação da velha democracia liberal em Estados policiais autoritários.

Mas os neoliberais não abençoam apenas a "necessidade do mercado mundial", eles anunciam uma utopia obscura, a utopia do mercado total – e isso eles têm em comum com os defensores de outras ideologias totalitárias[36]. Pode-se, tem-se o direito, deve-se opor resistência à tentativa de sacrificar todas as sociedades, o futuro da vida humana neste planeta a uma coleção de idéias erradas, altamente questionáveis e tudo menos lógicas. Para isso, não é preciso ser marxista[37]. Preliminarmente, o neoliberalismo é um modo de pensar e um projeto político – controverso e que pode ser suspenso. Sobretudo quando se pensa que as receitas políticas neoliberais até agora sempre e por todo lado fracassaram. Não há um único exemplo de uma política econômica e financeira vitoriosa baseada no receituário neoliberal – nem mesmo na história mais recente dos Estados Unidos, onde antes um keynesianismo militar (juntando inflação desenfreada do dólar, expansão sem limites do endividamento interno e externo graças a juros baixos e a um protecionismo altamente seletivo e duro) levou ao sucesso – um pecado mortal contra a receita neoliberal patenteada.

8. Quem se torna milionário/toupeira?

As chances para isso são divididas desigualmente. Ainda se pode indicar com precisão como alguém, de maneira relativamente rápida, pode se tornar milionário, ou como, de maneira garantida, não se torna milionário. Quem tem o azar de não dispor de riqueza, de não ter crédito, quem trabalha por toda a vida dependendo de salário, raramente ficará tão rico a ponto de poder levar a existência sem ter de trabalhar. As poucas exceções – popstars, atores de cinema, autores de *best sellers*, modelos, esportistas – confirmam a regra, pois esses contemporâneos só podem tornar-se ricos porque outros – em geral, os proprietários de capital – podem ficar ainda consideravelmente mais ricos com os talentos deles.

As chances de se tornar milionário estão distribuídas desigualmente segundo ramos e regiões. Negócios no mercado financeiro freqüentemente rendem um lucro de milhões no mais curto tempo, pressupondo-se que se pode dispor das correspondentes somas de capital (igualmente milhões), ou mobilizá-las a curto prazo via crédito. Mas esse, novamente, não é o caso em todas as situações. Como mostram os contínuos e repetidos escândalos envolvendo negócios espúrios, as chances de ganhos reais de milhões são maiores para aqueles que melhor podem manipular os mercados, dispondo de um correspondente poder de mercado ou de conhecimento do mercado, ou de informação antecipada.

---

[36] Ver Michael R. Krätke, "Die neue Weltunordnung. Was ist neo und was ist liberal am Neoliberalismus?". In: Stötzel, Regina (org.). *Ungleichheit als Projekt*, Marburgo, 1999.

[37] Então não se deve ficar contente tão cedo. Se o espírito da época se recuperou da confusão do neoliberalismo, ainda não nos livramos do capitalismo e das formas de pensar que o acompanham.

Com a economia criminosa internacional – um dos domínios mais fortes e "globalizados" da economia capitalista mundial –, é possível tornar-se milionário, e aqueles que ainda o querem recomendam alguns ramos, ou alguns negócios. Por exemplo, os negócios com armas – com a permanente vontade de armamento dos Estados; os negócios imobiliários; comércio de divisas; comércio de derivados; e, *last not least*, os negócios de incorporação ou fusão, isto é, de compra e venda de grandes empresas. Para isso, recomenda-se sempre já trazer a pequena soma necessária, e, por favor, não tão módica.

A metáfora da toupeira foi um dia empregada para "a revolução", como uma espécie de força social elementar que se revolvia de forma subterrânea, e eventualmente de maneira irregular e imprevisível, mas que continuamente "irrompia" na superfície. Rosa Luxemburg também utilizou essa imagem venerável da brava toupeira referindo-se à revolução. Mas com tais imagens cria-se um mito, não se esclarece a questão. Melhor seria falar de toupeiras no plural, ou seja, dos movimentos subversivos, anticapitalistas na sociedade burguesa, que continuamente geram revoltas e rebeliões. De onde chegam hoje os agentes, ou seja, os rebeldes contra a ordem dominante? Eles estão por toda a parte e, diferentemente dos pequenos animais cômicos, odiados pelos jardineiros de fim de semana e pelos agroempresários, ainda não se conseguiu, na longa história do capitalismo, extirpar o anticapitalismo. Ele ressurgirá sempre, sob as mais diferentes formas, enquanto existir o modo capitalista de produção.

Há conjunturas de revoltas e de rebeliões, e elas ressurgem necessariamente, pois as suas causas são permanentemente reproduzidas pelo capitalismo. Mesmo o capital mais móvel, considerado em escala mundial, até agora não logrou escapar a longo prazo das revoltas e dos protestos organizados que ele mesmo provoca. Sempre que o capital emigrou, que a produção se deslocou de países ou regiões para lugares onde os salários eram baixos, onde os trabalhadores não tinham direitos ou estavam desorganizados, pouco tempo depois acontecia o mesmo: os trabalhadores começavam, individual e coletivamente, a se defender contra a sujeição e a exploração, e no final sempre de forma organizada. Com o êxodo do capital, com a transferência espacial da produção capitalista, os conflitos e as lutas originários do modo de produção capitalista são apenas deslocados e adiados, mas não superados[38]. Como já havia antes, nos séculos XIX e XX, contra-movimentos contra a liberalização dos "mercados", contra as conseqüências destruidoras do capitalismo, hoje também há.

9. E o fim da história: quando finalmente chega o grande colapso?

O grande colapso, a crise final mundial é e continua sendo um mito. Assim como a representação de uma "crise geral" do capitalismo que durava décadas.

[38] Ver sobre isso Beverly Silver. *Forces of Labour. Arbeitbewegung und Globalisierung seit 1870*, Berlim, 2005.

Situações inteiramente sem saída não existem para esse sistema econômico. Limites absolutos do capitalismo serão sempre descobertos – mais recentemente foram as fronteiras naturais do meioambiente, ou os combustíveis fósseis[39]. Mesmo a imposição constante de elevados preços para o petróleo e o gás leva os mercados capitalistas a buscarem alternativas, que já existem e são bem conhecidas. Nos tempos das grandes crises, os protagonistas do capitalismo já entenderam como ser inventivo e inteligente para criar e experimentar novas formas e novas combinações dentro da lógica capitalista; em algumas dessas formas, o modo de produção capitalista vai "além de si", como o antiutópico Marx sempre afirmou[40].

O capitalismo, isto Rosa Luxemburg viu aguda e claramente, não desmorona por suas tendências de longo prazo, algo como a conhecida queda da taxa de lucro[41]. Também Marx nunca falou de colapso ou desmoronamento do capitalismo; uma "lei do colapso" não existe na crítica marxiana da economia política, embora alguns amigos de Marx tenham insistido nisso[42]. Mesmo as maiores crises acabam sendo superadas, ainda que com enormes custos e perdas. O capital pode se arranjar por muito tempo com lucros baixos, assim como com menor consumo de energia; pode ainda conviver duradouramente com reduzidas taxas de crescimento. Ele pode muito bem conviver com prolongadas massas de desempregados e de miseráveis. Pode ir além das limitações de reservas naturais, embora não sem intensas lutas distributivas. Enfim, não há nenhuma necessidade econômica de bronze para um "desmoronamento" do capitalismo. Entretanto, o atual capitalismo nos presenteará em futuro próximo com outras catástrofes sociais e ecológicas – assim como com outras crises financeiras e períodos prolongados de depressão e de estagnação econômicas.

O perigo consiste em que o capitalismo não apenas causa danos a si mesmo, não apenas destrói e elimina riquezas sociais, capital e bens privados, postos de trabalho, instalações produtivas inteiras, regiões agrícolas e industriais, mas também agride as bases da vida social, as "fontes de toda a riqueza", "a terra e o trabalhador", como Marx viu claramente. Contra a ameaça aos fundamentos da vida de todos pela "racionalida-

---

[39] Ver Elmar Altvater. *Das Ende des Kapitalismus wie wir ihn kennen. Eine radikale Kapitalismuskritik*, Münster, 2006.

[40] Ver Michael R. Krätke, "Jenseits des Kapitalismus – oder wo die kapitalistische Entwicklung über sich hinausweist". In: Hawel, Marcus e Kritidis, Gregor. *Aufschrei der Utopie. Möglichkeiten einer anderen Welt*, Hannover, 2006.

[41] Ela sempre desdenhou esta opinião muito difundida. Como para o grande capital a queda da taxa de lucro poderia ser compensada pela subida da massa de lucro, "muito tempo vai levar ainda até que a taxa de lucro consiga afundar o capitalismo, pelo menos até o apagar-se do sol". Rosa Luxemburg, *Antikritik*. In: *Idem, ibidem*, p. 446.

[42] Ver Henryk Grossmann, *Das Akkumulation- und Zusammenbruchgesetz des kapitalistischen Systems*, Leipzig, 1929 (reimpressão, Frankfurt am Main, 1967).

de" invertida do capitalismo, a sociedade pode, deve e precisa defender-se, como sempre fez ao longo da história do capitalismo[43]. Infelizmente, a "compreensão social" nas sociedades capitalistas, geralmente, chega "*post festum*", depois que as crises e as catástrofes já ocorreram. Enquanto o desemprego, a miséria e a destruição da natureza puderem ser exportados para fora dos países capitalistas centrais, continuarão sendo (ainda) possíveis "compromissos históricos" altamente suspeitos (à custa da periferia).

O fim do capitalismo vem apenas quando a legitimidade e a aparente falta de alternativa a esse sistema econômico irromperem em larga escala[44].

Quando, em suma, a "racionalidade" e os imperativos resultantes dessa forma econômica não forem mais aceitos sem discussão, e sua absurdidade, sua insensatez, sua incongruência forem compreendidas. O fim do capitalismo vem com a "enorme consciência" de que esse não é o melhor de todos os mundos, mas, ao contrário, um mundo que fica aquém de suas possibilidades civilizatórias, e uma ordem que impede e agride a "boa vida" e a "verdadeira liberdade" para quase todos. É, ademais, uma ordem econômica mundial que ameaça sempre a essência da democracia (política e social), além de excluir a democracia econômica. Em sua marcha automática sem limites e sem medida, o capitalismo faz com que as crises econômicas, as catástrofes sociais e ecológicas que produz aproximem esta consciência das pessoas. Naturalmente isso não acontece sozinho, nem automaticamente. A permanente crítica radical das relações capitalistas e suas conseqüências é necessária – e esta crítica necessita de força e de um longo alento.

Nós sabemos através da pesquisa comparada sobre as revoluções internacionais que, na realidade, as revoluções chegaram para os seus contemporâneos como "acontecimentos naturais". Ninguém as previu, ninguém as esperava, ninguém estava verdadeiramente preparado para elas. Isso vale tanto para as revoluções francesas dos séculos XVIII e XIX, como também para a "época de transição" de 1989/1990. Também as mudanças mais recentes na América Latina não eram esperadas por ninguém nem previstas, tampouco o surpreendente crescimento do movimento mundial contra a globalização capitalista e o pensamento único neoliberal. Entretanto – e nisso já Lênin tinha razão –, não se deve ser somente pego de surpresa, mas também providenciar as surpresas.

---

[43] Ver Karl Polanyi. *The Great Transformation. Politische und ökonomische Ursprünge von Gesellschaften und Wirtschaftssystemen.* Frankfurt am Main, 1978 (publicado pela primeira vez em 1944 em língua inglesa).

[44] Para quem gosta de aforismos: no lugar da famosa *TINA (There is No Alternative)*, fórmula da dama de ferro Thatcher, pode-se colocar a fórmula, que uma bem mais charmosa e inteligente dama, Susan George, cunhou: *TATA (There are Thousands of Alternatives)*. Isso nos coloca o tormento ou o prazer da escolha.

KRÄTKE, Michael. Nove respostas preliminares para nove perguntas difíceis. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.26, 2008, p.65-90.

RESUMO: O presente artigo propõe respostas para uma serie de questões controvertidas a respeito do capitalismo, tais como: o conceito e a idade do capitalismo, o lucro, a teoria da acumulação do capital de Rosa Luxemburg, o capitalismo global, o neoliberalismo, as idéias de um "novo" imperialismo, dc revolução e de colapso. Nesse sentido, pode ser lido como uma introdução ao debate político contemporâneo.

Palavras-chave: Capitalismo; Globalização; Imperialismo; Neoliberalismo.

Nine preliminary responses to nine difficult questions

ABSTRACT: This paper offers answers to a series of polemical questions concerning capitalism, such as: the concept and age of capitalism, profit, Rosa Luxemburg's theory of the accumulation of capital, global capitalism, neoliberalism, the ideas of a "new" imperialism, of revolution, and of collapse. It can be read as an introduction to the present-day political debate.

Keywords: Capitalism; Globalization; Imperialism; Neoliberalism.